

Fino señores: misoginia, masculinismo e extrema direita

Bruna Cavati Rossi

Naomi Prates de Lemos Santos



ARAÚJO, Samuel Matos de. **Araras de Pvc**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/253257179038679784/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Sentimento de ódio ou aversão às mulheres. Estas expressões remetem ao significado do termo *misoginia*²⁵. Essa concepção pauta-se na lógica sexista de que as mulheres devem estar em uma posição social inferior à dos homens. Apesar da temática ter adquirido maior visibilidade com discursos²⁶ que vêm se expandindo nos meios virtuais, não é novidade. A cultura patriarcal e a divisão sexual do trabalho estão enraizadas no país, realimentando tais práticas e sentimentos.

²⁵ O que é misoginia? **Galileu**, 2020. Disponível em: acesse.one/Ce211. Acesso em: 05 abr. 2023.

²⁶ Nesta resenha, para evitar a propagação ainda maior de conteúdos misóginos, optou-se por não citar nomes ou publicações diretamente.

Apesar da persistência de discursos deslegitimizando as reivindicações femininas, afirmando que são injustificadas, a misoginia está diretamente relacionada aos atos de violência. Com base em informações da plataforma “Violência contra as mulheres em dados”, do Instituto Patrícia Galvão²⁷, em 2022, 29% das brasileiras foram vítimas de alguma forma de violência. Destas, a maioria tinha entre 16 e 34 anos, eram negras e tinham filhos. Além disso, a maior parte das agressões vieram de pessoas com quem as vítimas tiveram algum relacionamento afetivo.

Redes sociais virtuais também têm sido bastante utilizadas para a propagação de discursos de ódio contra as mulheres. Com base na Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da Safernet²⁸, a misoginia esteve na terceira posição em relação ao aumento de denúncias. Entre 2021 e 2022, o crescimento foi de 251%. Para Luiz Valério

²⁷ Por dia, quase 51 mil mulheres sofreram violência no Brasil em 2022. **Violência contra as mulheres em dados**, 2023. Disponível em: 1nq.com/bsxJq. Acesso em: 10 abr. 2023.

²⁸ CRUZ, Elaine Patrícia. Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/43vYQkS>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Trindade²⁹, autor do livro “Discurso de ódio nas redes sociais”, discursos contra parcelas minorizadas da população, como as mulheres, se potencializam nos meios virtuais pelo (pseudo)anonimato. O autor complementa que mulheres negras, jovens e em ascensão social são as mais vulneráveis a esses atos de violência. Com o agravante da supervalorização da branquitude, proliferam-se atos discriminatórios que buscam inferiorizar as mulheres, sobretudo negras, no que consideram ser “seu devido local na sociedade”.

Muitos dos promotores dessas narrativas integram os denominados *chans*. Estes são grupos estruturados nos meios virtuais, alguns da *deep web* e que não precisam de identificação. Contudo, uma parte expressiva dos discursos são propagados na internet aberta, inclusive tendo a publicação de vídeos, postagens e até livros. Esses grupos são parte do movimento *masculinista*.³⁰ Este, além de criticar as pautas feministas na busca pela equidade de gênero, dissemina o ódio às mulheres em diversos graus. O movimento apresenta os homens como vítimas, em que a Lei Maria da Penha, a Lei do Femicídio e a pensão alimentícia, por exemplo, são considerados privilégios concedidos às mulheres. Esse tipo de discurso desconsidera todo o processo histórico e dados científicos

sobre as condições díspares em que homens e mulheres estão inseridos na organização social.

Contudo, esse movimento não é homogêneo. Para Sara Stopazzolli, jornalista especializada em violência doméstica, o principal movimento no Brasil é o *Men Going Their Own* (MGTOW, traduzido como “homens seguindo seu próprio caminho”)³¹. Os princípios básicos do MGTOW são: não casar, coabitar ou engravidar uma mulher. A jornalista ainda explica que os integrantes costumam usar termos como *blue pill* (“pílula azul”) e *red pill* (“pílula vermelha”) para se referir ao estado de adormecimento dos homens, indo da ilusão ao esclarecimento, respectivamente.

Os termos fazem alusão ao filme *Matrix*. No longa-metragem, a pílula vermelha proporciona ao protagonista a compreensão da realidade, enquanto a pílula azul representa um estado de adormecimento. A expressão *red pill* foi popularizada por uma vertente do movimento masculinista que se autodenomina “sigmas”³², cuja principal característica é ir contra a “dominação da sociedade moderna”. Eles acreditam que o sistema favorece as mulheres, e elas os manipulam para controlá-los. Esses homens se consideram líderes natos e tendem a apresentar um comportamento antissocial, pois, segundo eles, escolheram trilhar um caminho mais solitário. Eles se julgam

²⁹ STEFENON, Eduarda. “Mulheres negras, jovens e em ascensão social são mais vítimas”, afirma sociólogo sobre discurso de ódio nas redes. *Humanista*, 2022. Disponível em: encr.pw/fVHn. Acesso em: 07 abr. 2023.

³⁰ ALEXANDRE, Elisabete. Movimento masculinista cresce e preocupa; saiba como ele se espalha no Brasil. *GQ*, 2021. Disponível em: acesse.one/TIPzA. Acesso em: 03 abr. 2023.

³¹ GARBIN, Luciana; ERCOLIN, Carolina. ‘Grupos masculinistas sempre existiram, mas agora acham que o mundo está contra os homens’. *Estadão*, 2023. Disponível em: <https://bitlybr.com/ZsUvj>. Acesso em: 04 abr. 2023.

³² BARROS, Duda Monteiro de. Movimento Red Pill revela a face cruel e reacionária do machismo nas redes. *Veja*, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/Q0gdI>. Acesso em: 10 abr. 2023.

superiores às mulheres e só as toleram para relações sem vínculo afetivo.

Na internet, os *sigmas* empregam o emoji de uma escultura Moai, da Ilha de Páscoa, segurando uma taça de vinho. Para eles, esses monumentos apresentam traços masculinos a serem cultuados, como a mandíbula bem torneada e o queixo protuberante. Além disso, a bebida traz a ideia de apreciar os prazeres da vida sozinho³³. Costumam associar a imagem a expressão “fino señores” para se referirem à “conversas de alto nível intelectual” entre homens³⁴. Consequentemente, a *hashtag* #sigma já alcançou mais de 44 bilhões de visualizações no mundo, apenas na plataforma do TikTok. No entanto, vale ressaltar que há pessoas que utilizam esse emoji apenas como meme, sem relação com atos misóginos.

A propagação de conteúdos misóginos também tem sido veiculada por influenciadores, em que muitos se auto-intitulam *coaches* desses grupos. Eles disseminam discursos misóginos para milhares de seguidores, a maioria jovens, que compartilham uma lista de exigências ao se relacionarem com mulheres, conhecidas como *red flags* femininas. O termo, traduzido como “alerta vermelho”, é utilizado para expressar características que as mulheres não podem ter, como: filho, ex-namorado, usar roupas curtas, ter algum problema com o pai ou faixa etária

³³ FERRARO, Manuela. Homens sigma, tendência no TikTok, espalham misoginia na rede. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em <https://abrir.link/XYIzf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

³⁴ FERNANDES, Flávia. O que significa 🏠🍷? Entenda significado do meme com emojis. **Techtudo**, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/YqgmR>. Acesso em: 10 abr. 2023.

acima dos trinta anos. Em contrapartida, quanto mais velho o homem for, melhor, já que terá maior chance de ser bem-sucedido financeiramente.

Outro grupo são os *incels* (celibatários involuntários), que culpabilizam as mulheres por não terem relações amorosas. Embora pareçam discursos inofensivos, esses grupos masculinistas podem estimular sentimentos de ódio que se manifestam em ações reais. Um exemplo foi em 2018, quando um homem canadense atropelou e matou 10 pessoas em Toronto, no Canadá. Pouco antes do atentado, ele havia publicado uma mensagem que o associava ao grupo incel³⁵.

Conforme Bruna Amato, doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Jéssica Janine B. Fuchs, mestra em Psicologia Social pela UFSC³⁶, há uma relação entre a ascensão de grupos masculinistas e a extrema direita. Para as autoras, os grupos masculinistas não são um movimento isolado, mas fazem parte da busca por uma sociedade cisheteronormativa³⁷, com a qual o governo Bolsonaro se identificava. Mesmo que não integrem diretamente a extrema direita, contribuem para disseminar

³⁵ BBC. Quem são os 'incels' –celibatários involuntários–, grupo do qual fazia parte o atropelador de Toronto. **G1**, 2018. Disponível em: <https://bitlybr.com/tnwqV>. Acesso em: 05 abr. 2023.

³⁶ AMATO, Bruna; FUCHS, Jéssica Janine Bernhardt. Discursos de ódio de gênero e subjetivação: articulações entre masculinismo e extrema direita. **Violência e Gênero**: análises, perspectivas e desafios, editora científica, v. 1, p. 78 - 92, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/QKjv>. Acesso em: 10 abr. 2023.

³⁷ Estabelece heterossexualidade e cisgeneridade como normatividade social.

seus discursos. Para as autoras, a masculinidade hegemônica acaba sendo um elo comum a diferentes grupos sociais.

Essa ofensiva contra as mulheres já era evidente com o *impeachment* contra Dilma Rousseff. Além do conteúdo de classe em sua deposição, houve um nítido aspecto de gênero. Com base em Flávia Biroli, professora do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, isso esteve relacionado ao avanço do protagonismo feminino, visto como ameaça³⁸. Na votação, diversos deputados discursaram usando expressões sexistas. Inclusive, o ex-presidente, e então deputado, Jair Bolsonaro, homenageia um torturador de Dilma durante a Ditadura Militar. A eleição e falas do ex-presidente Bolsonaro contribuíram para disseminar atos misóginos, como se passassem a ter legitimidade.

Pensar em como mudar essa realidade é algo complexo. São estruturas historicamente estabelecidas, reforçadas por grupos masculinistas e a própria extrema direita. Contudo, as estruturas sociais não são estáticas e podem/devem ser mudadas. Assim, deve-se ressaltar que o protagonismo feminino vem crescendo e contribuindo, com muita luta, para mudar essa realidade.

Queridos “fino señores”: O lugar da mulher é onde ela quiser!

³⁸ BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda. **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufba, 2018. p. 75 - 83.